

Atos de comando em sala de aula: imperativo, perífrase, infinitivo e gerúndio em variação

Command acts in classroom: imperative, periphrasis, infinitive and gerund at variation

Francisca Natália Pinheiro-Monteiro¹, Márluce Coan²

¹ Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará; professora de Língua Portuguesa e de Língua Espanhola do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará e pesquisadora do grupo SOCIOLIN-CE.

E-mail: nataliaspinheiro@gmail.com

² Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina; professora da Universidade Federal do Ceará; coordenadora dos grupos SOCIOLIN-CE e SOCIOLIN-LE e bolsista de produtividade em pesquisa – CNPq, nível 2.

E-mail: coanmalu@ufc.br

RESUMO: Ato de comando é a função investigada nesta pesquisa. Das possíveis formas de codificação, analisamos quatro em variação: imperativo, perífrase ir + infinitivo, infinitivo e gerúndio, sob o aparato teórico da Sociolinguística variacionista (LABOV, 1972 e 1978) e do Funcionalismo (GIVÓN, 1993; PALMER, 1986; BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994). Foram analisadas trinta horas de gravação em sala de aula, cem minutos de cada um dos dezoito professores considerados na amostra. Os fatores de análise recobrem traços de reforço ou enfraquecimento dos comandos: menção explícita do manipulado; marcas de futuridade e marcas de polidez. Submetidos ao programa Goldvarb, os dados demonstram que o imperativo é estatisticamente influenciado por vocativo ou pela ausência do manipulado e pela ausência de marcas de polidez; a perífrase é condicionada por menção do manipulado via pronomes; o infinitivo e o gerúndio, por sua vez, são motivados pela presença de marcas de polidez. Os resultados, alinhados ao proposto por Givón (1993), comprovam que há dispositivos linguísticos que reforçam ou enfraquecem a força manipulativa do comando.

PALAVRAS-CHAVE: Manipulação; Polidez; Futuridade; Modalidade.

ABSTRACT: Command act is the function investigated in this research. Among the possible ways of coding, we analyze four in variation: imperative, go + infinitive periphrasis, infinitive and gerund, under the Sociolinguistics (LABOV, 1972 and 1978) and Functionalism (GIVÓN, 1993; PALMER, 1986; BYBEE; PAGLIUCA; PERKINS, 1994) theoretical apparatus. Thirty hours of recording in class were analyzed, one hundred minutes from each of the eighteen teachers considered in the sample. The factors in analysis overlying reinforcement lines or weakening of commands: explicit mention of manipulated; futurity features and politeness features. Submitted to Goldvarb program, the data show that imperative is statistically influenced by vocative, absence of manipulated and absence of politeness features; periphrasis is conditioned by mention of manipulated with pronouns; infinitive and gerund, in turn, are motivated by politeness features. According to Givón (1993), the results show there are linguistic devices that strengthen or weaken the manipulative force of command.

KEYWORDS: Manipulation; Futurity; Politeness; Modality.

Considerações iniciais: a proposta¹

Sob o aparato teórico-metodológico da Sociolinguística (LABOV, 1972 e 1978) e a teoria dos atos manipulativos e/ou diretivos (GIVÓN, 1993; PALMER, 1986; BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994), visamos à análise de quatro estruturas que codificam a função atos de comando: imperativo, perífrase *ir* + infinitivo, infinitivo e gerúndio, respectivamente ilustradas de 1 a 4.

- (1) Princesa, tu vai procurar um canto pra estudar, como é que é? num sei... **FIQUE** num canto que você pode fazer alguma coisa, aonde vai ser...
- (2) ...abram os cadernos na nossa última aula por favor... **VAMOS PASSAR** a limpo o que estava no caderno...
- (3) ...por favor, **FAZER** atividade, as questões do ENEM... **TERMINAR** que eu quero dar o visto hoje, corrigir a atividade e dá o visto...
- (4) **TRABALHANDO**... vamos criar um desenho agora... vamos ver quem consegue pegar o conceito escrito, observa... nós nos conhecemos?

É o imperativo o modo que, na maior parte das Gramáticas Tradicionais do século XX, está associado à noção de comando, mas os gramáticos mencionam mais significados para o imperativo (de desejo, de súplica), bem como outras formas para codificar um ato de comando (futuro do presente, infinitivo). Pereira (1924) e Ali (1064), por exemplo, definem o modo imperativo como o modo da necessidade, que exprime a ordem e o comando, ou o desejo e a súplica. É atribuída ao tom de voz a distinção entre essas funções citadas, chamadas pelo autor de sentimentos. Já Almeida (1983, p. 227) e Luft (1976) mostram formas que podem codificar comandos, tais como o presente do

indicativo (*Levas estas cartas e trazes estampilhas.*²), o infinitivo (À direita, *volver!*) e o futuro do presente do indicativo (*Não matarás.*).

Além dessas formas, Cunha e Cintra (2001, p. 479) apresentam como “substitutos do imperativo”: frases nominais (Fogo!), o imperfeito do subjuntivo (Se você se calasse!), o gerúndio (Andando!), a perífrase formada por *ir* no imperativo e verbo principal no infinitivo (Não vá se afogar, moço.) e frases de entoação interrogativa (Quer levantar-se?).

Bechara (2006) define o imperativo como ato que o falante exige do seu agente, função que, segundo o autor, pode ser descrita com o infinitivo em ordens instantes (Todos se chegavam para o ferir, sem que a D. Álvaro se ouvisse outras palavras, senão estas: *Fartar*, rapazes.) e com o imperativo do verbo *querer* seguido de infinitivo para abrandar a ordem (Queira aceitar meus cumprimentos.).

É visível que a literatura já mostra variação no uso de formas codificadoras dos atos de comando, fenômeno de interesse neste artigo. O que não há é sistematização, no sentido de correlacionar as diferentes formas a contextos motivadores. Eis o que faremos na terceira seção: análise quantitativa e qualitativa de três grupos de fatores acoplados às variantes sob análise: menção explícita do manipulado, marcas de polidez e marcas de futuridade.

1 O viés teórico: Sociolinguística e Funcionalismo

Visando à sistematização dos atos de comando é que optamos por tratar de quatro formas (ilustradas acima, de 1 a 4) como variantes, buscando motivações linguísticas que justifiquem a opção por uma ou outra em contexto de fala. Variantes linguísticas, na acepção laboviana (LABOV, 1978), são formas que têm o mesmo significado referencial, representacional, fazem

¹ Os resultados aqui apresentados integram pesquisa realizada em 2009-2010 por Francisca Natália Pinheiro-Monteiro sob a orientação da Profa. Dra. Márluce Coan.

² Exemplos retirados de Almeida (1983).

referência ao mesmo estado de coisas e têm o mesmo valor de verdade. Essas formas em variação são condicionadas por fatores linguísticos e/ou extralinguísticos, por isso, é indispensável investigar a língua dentro do contexto social (LABOV, 1972). “No uso real da língua, que constitui o dado do linguista, seja na forma falada ou na forma escrita, tais categorias se apresentam sempre conjugadas; na prática, a operação de uma regra variável é sempre feita da atuação simultânea de vários fatores”. (NARO, 2007, p. 16). Ainda,

Uma variável linguística tem de ser definida sob condições estritas para que seja parte da estrutura linguística; de outro modo, se estará simplesmente escancarando a porta para regras em que ‘freqüentemente’, ‘ocasionalmente’ ou ‘às vezes’ se aplicam. A evidência quantitativa para a co-variação entre a variável em questão ou algum outro elemento linguístico ou extralinguístico oferece uma condição necessária para admitir tal unidade estrutural. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 107).

Tratar atos de comando pelo viés variacionista encontra respaldo na literatura, principalmente, nos trabalhos de Scherre (1998, 2000, 2004 e 2005), Cardoso (2004), Reis (2004) e Jesus (2006). A título de ilustração, citamos apenas percentuais referentes ao uso do imperativo (forma indicativa/forma subjuntiva) e grupos de fatores significativos. Scherre (2005) apresenta um panorama do uso do imperativo por região do Brasil (nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, o uso do imperativo associado à forma indicativa ocorre em quase 90% dos casos analisados; na região Nordeste, representada por João Pessoa e Salvador, apenas 30% das estruturas imperativas estudadas estão na forma associada ao indicativo), além de resultados referentes à idade e à classe social: quanto maior a faixa etária, maior o uso do imperativo associado à forma subjuntiva; as classes sociais menos favorecidas também tendem ao uso do imperativo na forma subjuntiva. Em Scherre et al. (1998, 2000 e 2004), mostram-se grupos de

fatores linguísticos mais comumente associados ao uso de uma ou outra forma do imperativo (polaridade da estrutura, efeito do paralelismo fônico, número singular ou plural da pessoa do discurso, número de sílabas do verbo na forma infinitiva, presença/ausência e tipo de clítico).

Na pesquisa de Cardoso (2004), foram coletadas 765 ocorrências, dentre as quais há 24% de uso do imperativo associado à forma indicativa. Dentre os grupos de fatores controlados pela autora, os que foram considerados estatisticamente relevantes são: paralelismo discursivo, polaridade da estrutura, presença/ausência e posição do clítico, aspectos morfológicos dos verbos, posição do verbo na sentença e faixa etária.

A pesquisa de Jesus (2006) mostrou que há uma predominância do uso do imperativo associado à forma subjuntiva em falantes com menor escolarização e não escolarizados. Foram considerados relevantes para a pesquisa, na novela *Senhora do Destino*, os seguintes grupos de fatores: personagens; polaridade da estrutura; tipo de pronome no contexto discursivo; paralelismo discursivo; tipo de verbo; ausência/ presença, localização e pessoa do pronome. Já com relação aos dados da fala de Recife, foram considerados relevantes os fatores tipo de verbo e paralelismo discursivo.

Embora Reis (2003) construa sua variável de controle também com o imperativo associado à forma indicativa e à forma subjuntiva, o trabalho explora os atos de fala manipulativos (GIVÓN, 2003) no documento romanesco *Vinhas da Ira* de John Steinbeck, versão em português de 1940. Foram analisadas 830 ocorrências, 750 sentenças afirmativas e 80 negativas. Em relação às primeiras, houve uma porcentagem de 71% associada à forma indicativa e, em relação à segunda, houve 54% correspondendo às formas verbais também indicativas. Entretanto, o que a autora considera inovador nos resultados da pesquisa é evidenciar que tais percentuais (71% dos dados na variante indicativa e 29% na subjuntiva, no imperativo

afirmativo) se mostraram insuficientes para descrever o uso variável do imperativo no contexto em estudo, o que justifica sua proposta de pesquisa: evidenciar a existência de uma correlação escalar entre os dispositivos enfraquecedores/fortalecedores da força manipulativa constituinte dos atos de fala de comando e o uso das variantes indicativa e subjuntiva. No estudo, a variação de ambas as formas se dá, especificamente, a partir do maior (ou menor) grau de relevância atribuído à variável independente simetria/assimetria das relações sociopessoais entre manipuladores e manipulados, numa abordagem estilística da variação linguística. Reis considerou como relevantes os seguintes grupos de fatores: natureza do pronome de 2ª pessoa empregado pelo manipulador; ausência/presença de marcas de polidez; menção explícita do manipulado; definitude do manipulado em relação à pessoa que fala; natureza proibitiva do comando; complexidade da forma verbal imperativa; dinamismo da situação; previsibilidade da ‘mudança-de-estado-de-coisas’; estatuto verbal de imperativo; natureza da simetria/assimetria das relações sociopessoais entre manipuladores e manipulados.

Como nossa pesquisa também se molda a partir de atos manipulativos, convém, a exemplo de Reis (2004), retomar preceitos givonianos, enveredando-nos ao Funcionalismo. Givón (1993) apresenta o imperativo e as interrogativas, nas quais o valor de verdade não pode ser afirmado ou negado, como componentes dos atos de fala não declarativos. A diferença entre atos de fala declarativos e não-declarativos é condicionada por preceitos filosóficos, a partir da noção de verdade: os declarativos têm um valor de verdade que pode ser avaliado, os não-declarativos, sob a forma de perguntas e comando, não o têm (op. cit., p. 240). Também os não-declarativos requerem uma resposta não-verbal do ouvinte e, segundo Givón (1993, p. 264), estão embasados em contrato comunicativo de interação entre falante e ouvinte:

- (i) Estado de mundo: o estado desejado das coisas – o objetivo da manipulação – tem de ser diferente do seu estado atual.
- (ii) Poder de ação: o manipulado – o ouvinte – tem de estar livre para agir na direção desejada.
- (iii) Autoridade: o manipulador – o falante – tem de ter autoridade legítima sobre o manipulado (p. 264).

Como resultado da interação falante-ouvinte e com base no princípio da marcação, Givón (op. cit., p. 270) apresenta uma escala de usos, demonstrando como se dá o enfraquecimento da força manipulativa do comando. Para Givón (1991, p. 106), “Categorias que são cognitivamente marcadas (i.e., complexas) tendem a ser marcadas estruturalmente”. Vejamos:

Imperativo mais prototípico

(Força manipulativa mais alta)

Passa o sal.

(a) Por favor, passa o sal.

(b) Passe o sal, você poderia, por favor?

(c) Você poderia, por favor, passar o sal?

(d) Você pode passar, por favor, o sal?

(e) Você pode passar o sal?

(f) Você está vendo o sal?

(g) Tem sal?

(h) O sal está aí?

Imperativo menos prototípico

(Força manipulativa mais baixa)

Geram a gradação vista acima dispositivos linguísticos que enfraquecem a força manipulativa do comando, quais sejam: aumento da extensão do enunciado de comando; uso de elementos interrogativos; menção explícita do pronome ‘você’, designando o manipulado; uso da modalidade *irrealis* sobre o verbo; uso da forma negativa e disposição de uma oração manipulativa sob o escopo de uma modalidade (GIVÓN, 1993, p. 266).

A função aqui investigada (atos de comando) foi definida considerando-se o proposto por Givón (1993), mas caracterizada levando-se em consideração proposições de Lyons (1977), Palmer (1986) e Bybee, Perkins e Pagliuca (1994). Caracteriza-se, assim, por: a) apresentar os valores de obrigação e proibição da modalidade deôntica (LYONS, 1977); b) representar atos diretivos, definidos como meios linguísticos que aparecem em enunciados que levam os ouvintes a fazerem algo (PALMER, 1986); c) indicar o traço de futuridade, já que o diretivo é dado para acontecer no futuro (LYONS, 1977); d) ser um ato manipulativo, que só pode ser proferido se desejamos que exista mudança de um determinado estado de coisas (GIVÓN, 1993); e) classificar-se como modalidade orientada para o falante (MOF), em que o falante não anuncia condições sobre o agente, mas impõe condições sobre o destinatário (BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994).

Os pressupostos teóricos e a revisão da literatura desta seção serviram à configuração de nossa pesquisa, tanto para a definição da variável, quanto para o direcionamento analítico. Os pressupostos teóricos permitiram-nos caracterizar a variável atos de comando; a revisão da literatura motivou-nos a escolher variantes que codificam tais comandos, para além das formas indicativa e subjuntiva do imperativo. Em relação aos resultados das pesquisas, muitos dos grupos investigados e/ou relevantes como condicionamentos ou da forma indicativa ou da subjuntiva do imperativo não serão aqui controlados; foram relatados com o propósito de retomar o que se tem investigado sobre atos de comando em português. Como lidamos com quatro variantes, escolhemos apenas três grupos de fatores para análise, pautados nos achados de Reis (2003), pois mais diretamente podem servir à confirmação de nossas hipóteses, que culminam na demonstração de que há dispositivos que enfraquecem a força manipulativa do comando: menção explícita do manipulado, marcas de polidez e marcas de futuridade.

2 Os procedimentos metodológicos

Por fazermos pesquisa sociolinguística, poderíamos utilizar entrevistas nas quais há narrativas de experiência pessoal retratando o vernáculo, mas a entrevista não é o gênero mais propício à manifestação de atos de comando, razão por que optamos por considerar interações em sala de aula, mais especificamente os atos proferidos pelo professor. Foram analisados dados de 18 informantes, nascidos em Fortaleza/CE ou radicados na cidade desde os cinco anos de idade, que não tenham se ausentado de Fortaleza por mais de dois anos. A escolha das escolas deveu-se à autorização da direção, da coordenação pedagógica e, posteriormente, do professor de permitir o acesso à sala de aula para que as gravações pudessem ser realizadas.

A coleta dos dados foi realizada em 2009, através de gravações das aulas com duração de 100 minutos cada, totalizando 30 horas de gravação. A escolha das disciplinas das aulas gravadas segue divisão conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais, que agrupam as disciplinas em três grandes áreas: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Educação Física, Arte e Informática) – seis informantes; Ciências da Natureza, Matemáticas e suas Tecnologias (Matemática, Física, Biologia e Química) – seis informantes; Ciências Humanas e suas Tecnologias (Geografia, História, Sociologia e Filosofia) – seis informantes.³

Realizada a coleta, houve necessidade de desconsiderarmos alguns dados (formas modais e marcadores discursivos): as formas *ter que/ ter de, dever, querer*⁴, por anunciarem condições existentes ao agente, não fazendo imposições diretas dessas condições. Segundo Bybee, Perkins e

³ Embora haja distribuição ortogonal dos informantes, não analisamos os fatores extralinguísticos neste artigo.

⁴ Indicamos a leitura de Mendonça (2010), que analisou os auxiliares modais *ter, dever e precisar* em variação na função de obrigação no português culto oral de Fortaleza.

Pagliuca (1994), nesses casos, o falante faz uma avaliação do que considera importante que seu interlocutor realize, dita regras de conduta. No entanto, se levados em consideração modalizadores prosódicos, como entonação e outros elementos ligados à voz (NEVES, 2006), talvez algumas dessas formas possam constituir atos de comando diretos. Também desconsideramos os marcadores discursivos, por visarem, predominantemente, conforme Rost (2002), à chamada de atenção do interlocutor (*Olha, Veja, Veja só!, Vamos!, Vamos lá!*).

As formas codificadoras dos atos de comando (imperativo, perífrase, gerúndio e infinitivo) foram investigadas com base em três variáveis, as quais recobrem fatores que indicam reforço ou enfraquecimento dos comandos, conforme pressupostos teóricos (LYONS, 1977; GIVÓN, 1993) e revisão da literatura (REIS, 2003) expostos na seção anterior: a) menção explícita do manipulado; b) marcas de futuridade e c) marcas de polidez.

Givón (1993) apresenta a menção explícita do manipulado como um dispositivo enfraquecedor da força manipulativa do comando, por isso controlamos: a) ausência de menção do manipulado – sujeito não preenchido; b) pronome *tu*; c) pronome *você*; d) pronome *vocês*; e) pronome *nós*; f) vocativo de nome específico (nome de pessoas) e g) vocativo de nome generalizado (gente, pessoal). Segundo Lyons (1977), o valor deôntico parte de uma fonte, recaindo sobre um alvo, que pode ser um *indivíduo* ou uma *instituição*, entretanto consideramos apenas os valores deônticos que recaíram sobre um indivíduo, já que tratamos de atos diretivos.

Conforme Lyons (1977) e Givón (1993), a futuridade é um importante traço da modalidade deôntica, já que o diretivo é dado para acontecer no futuro. Por isso, consideramos: futuro determinado 1 (agora); futuro determinado 2 (amanhã, semana que vem) e futuro indeterminado (sem especificação temporal explícita).

Ausência e presença são os fatores que integram o grupo marcas de polidez. Reis (2003) encontrou as seguintes marcas atreladas ao imperativo: *por favor; por gentileza*, e pronomes de tratamento respeitoso, como *o senhor, a senhora*. Além desses traços, consideramos, também, como marcas de polidez, por se tratarem de atenuadoras do comando (ROST, 2002), marcadores discursivos, tais como *Veja bem!, Vamos lá!, Olhe!*

Os três grupos de fatores acima apresentados foram analisados no programa GOLDVARB, que possibilita uma análise multivariada, o que, segundo Guy e Zilles (2007), permite-nos verificar a influência dos grupos de fatores sobre as variantes da variável atos de comando, tendo como mediana o valor 0,5: o que fica acima favorece a variante, o que fica abaixo desfavorece. Vejamos os resultados!

3 A análise dos atos de comando: imperativo, perífrase, infinitivo e gerúndio em variação

A análise das 410 formas será apresentada de acordo com a quantidade de dados encontrada para cada uma das variantes: imperativo; perífrase; infinitivo e gerúndio (conforme **Tabela 1**). Para cada variante (em oposição às demais), serão expostos os grupos de fatores por ordem de seleção estatística pelo GOLDVARB. Seguem-se a esses, em cada seção, os grupos não selecionados estatisticamente, para os quais apresentamos percentuais.

Tabela 1 – Distribuição geral das variantes

Variantes	Aplicação/Total	%
Imperativo	262/410	63.9
Perífrase: Ir + Infinitivo	113/410	27.6
Infinitivo	25/410	6.1
Gerúndio	10/410	2.4

3.1 Atos de comando no Imperativo

O imperativo, para Givón (1993), corresponde à forma em que a força manipulativa é maior. Talvez seja a razão de encontrarmos mais essa forma no discurso do professor, ao repassar comandos aos alunos. Para compor essa variante, consideramos tanto a forma associada ao indicativo, conforme exemplo (5), quanto a forma associada ao subjuntivo, conforme exemplo (6)⁵.

- (5) **CONTINUA**, Caroline, o segundo parágrafo... Gabriel... Yorrane...
- (6) Quais são as idéias que a gente pode retirar desse tópico, desse item um... **FALE**... sim... Diego...

Das três variáveis sob análise, foram estatisticamente selecionadas pelo Goldvarb: menção explícita do manipulado e marcas de polidez. Segundo Givón (1993), a menção do manipulado é um dispositivo linguístico enfraquecedor da força manipulativa, por isso, hipotetizamos que a ausência do manipulado iria favorecer o ato de comando codificado pelo imperativo. Os resultados apresentados na tabela 02, entretanto, mostram que a menção explícita do manipulado por vocativo, conforme exemplo (7) é a que favorece o uso do imperativo (peso relativo de 0.667).

- (7) ...temos que conscientizar primeiro a nossa casa né... conscientizar os nossos pais, os nossos irmãos pequenos [] Fala mais alto pra gente poder ouvir... o Lucas está falando, **FALA** alto **LUCAS**...

⁵ Dentre as formas no imperativo, foram coletadas: 172 ocorrências para o imperativo associado ao subjuntivo e 90 de imperativo associado ao indicativo.

Tabela 2 – Menção explícita do manipulado no uso do IMPERATIVO em oposição à forma perifrástica, ao infinitivo e ao gerúndio

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Vocativo*	96/128	75%	0.667
Ausência de menção do manipulado	106/151	70.2%	0.539
Pronome <i>tu</i>	2/3	66.7%	0.504
Pronome <i>você</i>	19/37	51.4%	0.372
Pronome no plural**	39/91	42.9%	0.264

* Em virtude de nocaute (ausência de dados) para o fator vocativo de nome generalizado, houve necessidade de amalgamação com o vocativo de nome específico.

** Em virtude de nocaute (ausência de dados) para o fator pronome nós, houve necessidade de amalgamação com o pronome *vocês*, sob a denominação pronome no plural.

A indicação do vocativo como um dispositivo fortalecedor da força manipulativa e não enfraquecedor, como havíamos previsto, também foi apontada por Reis (2003), resultado, no entanto, associado à forma indicativa, forma considerada mais incisiva de comando, já que a autora trabalhou com atos de comando de natureza exclusivamente imperativa. O manipulado que menos se associa ao imperativo é codificado por pronome no plural – vocês. Generalização e tratamento respeitoso podem justificar isso. Para Reis (2003), o pronome *você* não favorece a forma imperativa, tida como a forma mais contundente de comando, por ser pronome de tratamento respeitoso, usado para demonstrar polidez.

A polidez configura o segundo grupo selecionado. Consideramos como marcas de polidez: *por favor*, *por gentileza*, os pronomes *o senhor e a senhora* e alguns marcadores discursivos (ilustrados abaixo), por se tratarem de formas atenuadoras do comando, segundo Rost (2002). Para Givón (1993), a presença de marcas de polidez enfraquece a força manipulativa, o que nos levou à hipótese de que o fator *presença de marcas de polidez* favorecesse o uso do ato de comando mais forte, o imperativo, como forma de amenizar o comando, de equilibrar a força manipulativa. Essa hipótese também se alinha ao proposto por Bybee,

Perkins e Pagliuca (1994): a polidez tende a coocorrer com as formas no imperativo. No entanto, os resultados apresentados na **Tabela 3** mostram que o imperativo é mais usado sem marcas de polidez, visando à manutenção da força do comando.

- (8) ...**olha**... pessoal **PRESTA** atenção pessoal seis vezes sete é quanto? Pessoal vamo ajudar, vamo ajudar, vamo lá! Seis vezes cinco pessoal, eu não ouvi, eu não ouvi...
- (9) **senhores e senhoras, por favor RECAPITULEM** a última aula... **ABRAM** os cadernos na nossa última aula por favor...

Tabela 3 – *Marcas de polidez* no uso do IMPERATIVO em oposição à forma perifrástica, ao infinitivo e ao gerúndio

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Ausência de polidez	198/296	66.9	0.544
Presença de polidez	64/114	56.1	0.388

O grupo marcas de futuridade não foi selecionado pelo Goldvarb, por isso não há pesos relativos na Tabela 4. No imperativo, segundo Palmer (1986), a ação desejada está sempre no futuro, configura-se como uma projeção que pode ou não se realizar. Representa, portanto, na acepção de Givón (1984), uma asserção *irrealis*. Resta-nos verificar se tal asserção é próxima (a ser realizada durante a aula, conforme exemplo 10), distante (a ser realizada em outro momento – amanhã, semana que vem..., conforme exemplo 11) ou indeterminada (sem especificação temporal explícita, conforme exemplo 12). Eis os resultados:

- (10) *agora* **FAÇAM** a b sozinhos...pessoal ó, presta atenção aí na b, aquilo que eu já expliquei pra vocês... quarenta eu posso formar com?
- (11) cinco minutos que estão faltando vocês vão responder... eu quero é as respostas... também não vai dar tempo dizer as notas, já vai tocar... guardem e me **ENTREGUEM** amanhã... não pode perder...

- (12) Pessoal, ó! Isso aqui ela vai tirar xerox na secretaria e aí as xerox serão dadas a vocês, depois que ela bater Xerox **estudem** pela Xerox, por essa revisão e vocês não erram nada.

Tabela 4 – *Marcas de futuridade* no uso do IMPERATIVO em oposição à forma perifrástica, ao infinitivo e ao gerúndio

Fatores	Aplicação/Total	%
Futuro indeterminado (sem especificação temporal)	228/347	65.7
Futuro determinado 1 (com especificação temporal: agora)	24/44	54.5
Futuro determinado 2 (com especificação temporal)	10/19	52.6

Tendo em vista a maior força manipulativa atrelada ao imperativo, o fato de haver uma leve tendência de uso em situações indeterminadas pode ser um indício de atenuação dessa força manipulativa. Reis (2003) observou que o futuro não previsível em relação ao momento da fala condiciona o uso do imperativo associado ao subjuntivo, forma com força manipulativa menor.

3.2 Atos de comando por perífrase (*ir* + infinitivo)

A perífrase *ir* + infinitivo, conforme exemplo (13), por ser uma variante que aumenta a extensão do enunciado do comando, caracteriza-se como um dispositivo linguístico enfraquecedor da força manipulativa (GIVÓN, 1993).

- (13) Um dois três “Pssss!” Paula, Paula, escuta... Andreza... Escutem, Escutem! Lucas... **VAMOS OUVIR** o Lucas...

A forma *ir* + infinitivo, quando substituída por um imperativo, para codificar uma ordem direta, é, na acepção de Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), modalidade orientada para o falante (MOF) e, na acepção de Palmer (1994), uma ato diretivo. Em oposição ao imperativo, gerúndio e infinitivo, o programa GOLDVARB selecionou apenas um grupo de fator

como significativo, *menção explícita do manipulado* (**Tabela 5**). Se a menção explícita do manipulado, conforme Givón (1993), enfraquece o comando, seria de esperar que a perífrase ocorresse acoplada à menção aos manipulados. E de fato isso ocorre em relação aos pronomes, mas não em relação ao vocativo, pois o vocativo apresentou-se como favorecedor do uso do imperativo.

Tabela 5 – *Menção explícita do manipulado* no uso da PERÍFRASE IR + INFINITIVO em oposição ao imperativo, ao infinitivo e ao gerúndio

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Pronome no plural	50/91	54.9	0.782
Pronome <i>tu</i>	1/3	33.3	0.596
Pronome <i>ocê</i>	12/37	32.4	0.586
Ausência de menção do manipulado	33/118	21.9	0.452
Vocativo	17/128	13.3	0.312

Dos grupos não selecionados, começamos por marcas de futuridade. Segundo a escala que estabelecemos, que vai do mais determinado/próximo ao indeterminado, era esperado que os menos determinados/próximos condicionassem o uso dos atos de comando que apresentam força manipulativa menor, como a forma perifrástica. Isso se sustenta, conforme vemos na **Tabela 6**, em relação ao fator determinado 2, embora os percentuais entre 1 e 2 não sejam assim tão díspares.

Tabela 6 – *Marcas de futuridade* no uso da PERÍFRASE IR + INFINITIVO em oposição ao imperativo, ao infinitivo e ao gerúndio

Fatores	Aplicação/Total	%
Futuro determinado 2	9/19	47.4
Futuro determinado 1 (agora)	16/44	36.4
Futuro indeterminado (sem especificação temporal)	88/347	25.4

Os resultados apresentados abaixo na **Tabela 7**, para marcas de polidez (grupo não selecionado pelo Goldvarb), não confirmam nossa hipótese de que a ausência de marcas condicionaria formas mais amenas de comando. Se a forma é menos incisiva, dispensaria a inclusão de mais marcas. Os percentuais, por serem muito baixos, parecem nada reveladores, mas indicam que ausência e presença não parecem interferir nem comprometer a força manipulativa da perífrase. A forma por si é polida, atenua o comando.

Tabela 7 – *Marcas de polidez* no uso da PERÍFRASE IR + INFINITIVO em oposição ao imperativo, ao infinitivo e ao gerúndio

Fatores	Aplicação/Total	%
Ausência de polidez	84/296	28.4
Presença de polidez	29/114	25.4

3.3 Atos de comando no Infinitivo

Contrariamente ao exposto no final da seção anterior, o grupo marcas de polidez tem efeito significativo no uso da variante infinitivo (infinitivo e *é para* + infinitivo, conforme exemplos 14 e 15), embora haja somente 25 ocorrências no corpus, possivelmente por tratar-se de forma inovadora e de menor força manipulativa, se comparada ao imperativo.

- (14) ...pessoal pessoal **FAZER** a atividade que ontem vocês não terminaram... fazendo silêncio, vamo sentando aê por favor... **FAZER** atividade...
- (15) **É PRA MARCAR, É PRA MARCAR...** vamo lá? Ó... vamo vamo fazer aqui vamo lá ó, a gente vai...

Os resultados, dispostos na **Tabela 8**, apontam favorecimento da presença de polidez para o ato de comando no infinitivo (peso relativo 0.715). Parece que a presença de marcas de polidez condiciona variantes inovadoras, enquanto a ausência favorece a variante conservadora, o

imperativo (conforme resultado apresentado na tabela 3). Como o imperativo é uma forma com alta força de manipulação, é usado primordialmente com o objetivo real de impor uma ordem, instaurar uma obrigação, não cabendo, talvez, um dispositivo linguístico que enfraqueça o comando. Quanto às demais formas, são usadas para amenizar a ordem e ainda ocorrem com dispositivos ainda mais enfraquecedores/atenuadores do comando.

Tabela 8 – *Marcas de polidez* no uso do INFINITIVO em oposição à forma perifrástica, ao imperativo e ao gerúndio

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Presença de polidez	15/114	13.2	0.715
Ausência de polidez	10/296	3.4	0.412

Os dois outros grupos considerados nesta pesquisa não foram selecionados pelo Goldvarb, mas os percentuais podem indicar tendências, a serem verificadas em outros corpora. Quanto à menção explícita do manipulado, os resultados da **Tabela 9**, embora aproximados, podem indicar que o pronome no singular é um condicionamento para comandos no infinitivo, o pronome no plural, para a perífrase (conforme tabela 5) e vocativo e ausência do manipulado, para o imperativo (conforme tabela 2).

Tabela 9 – *Menção explícita do manipulado* no uso do INFINITIVO em oposição à forma perifrástica, ao imperativo e ao gerúndio

Fatores	Aplicação/Total	%
Pronome <i>singular</i> *	6/40	15
Vocativo	10/128	7.8
Ausência de menção do manipulado	8/151	5.3
Pronome no plural	1/91	1.1

* Não houve ocorrências para o fator *pronome tu*, sendo, portanto, amalgamado da seguinte forma: *pronome tu* e *pronome você* – *pronome singular*.

Para as marcas de futuridade, os resultados são ainda mais aproximados (vejamos a **Tabela 10**), mas colocam o infinitivo em ligeira vantagem em situações indeterminadas. Isso pode ser um indício de iconicidade: forma mais genérica codifica situações indeterminadas, ou seja, a codificação reflete a percepção do evento.

Tabela 10 – *Marcas de futuridade* no uso do INFINITIVO em oposição à forma perifrástica, ao imperativo e ao gerúndio

Fatores	Aplicação/Total	%
Futuro indeterminado (sem especificação temporal)	22/347	6.3
Futuro determinado 1 e 2*	3/63	4.8

* Não foram encontrados dados para *futuro determinado 2*. Realizamos, pois, a amalgamação desse fator com o fator *futuro determinado 1*.

3.4 Atos de comando no Gerúndio

O gerúndio, conforme exemplo 16, é apontado como “substituto do imperativo” (CUNHA e CINTRA, 2001), apresentando-se como forma inovadora dentre as variantes que compõem nosso envelope de variação.

- (16) Ei gente... Gabriel **FAZENDO** a atividade... Luana por favor, Wesley vamos começar a tarefa? Ssss... Victor, começa a fazer tua tarefa, Victor... vem cá, Jéssica.

Como para a variante infinitivo, também para a variante gerúndio, somente um grupo foi selecionado pelo Goldvarb: marcas de polidez, o qual se mostrou relevante estatisticamente para nossa pesquisa, sendo selecionado em três das quatro rodadas estatísticas realizadas. Se as marcas de polidez, de acordo com Givón (1993), são dispositivos enfraquecedores da força manipulativa do comando, é de se esperar que a presença de tais marcas seja mais usada com formas de comando mais incisivas, como o imperativo, e não

com o gerúndio, mas os dados mostram que o gerúndio é sim condicionado pela polidez, com peso relativo de 0,733, conforme evidencia a **Tabela 11**.

Tabela 11 – *Marcas de polidez* no uso do GERÚNDIO em oposição à forma perifrástica, ao imperativo e ao infinitivo

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Presença de polidez	6/114	5.3%	0.733
Ausência de polidez	4/296	1.4%	0.404

Seguem-se resultados das variáveis não selecionadas: menção explícita do manipulado na **Tabela 12** e marcas de futuridade na **Tabela 13**.

Tabela 12 – *Menção explícita* do manipulado no uso do GERÚNDIO em oposição à forma perifrástica, ao imperativo e ao infinitivo

Fatores	Aplicação/Total	%
Vocativo	5/128	3.9
Ausência de menção do manipulado	4/151	2.6
Pronome*	1/131	0.8

* Não houve ocorrências para *pronome no singular*, sendo o fator amalgamado com o *pronome no plural*.

Tabela 13 – *Marcas de futuridade* no uso do GERÚNDIO em oposição à forma perifrástica, ao imperativo e ao infinitivo

Fatores	Aplicação/Total	%
Futuro determinado (1 e 2)	1/63	2.6
Futuro indeterminado (sem especificação temporal)	9/347	1.6

Por serem somente 10 dados de 410, os percentuais são mínimos, mas o número de dados poderia indicar que a menção do pronome e o futuro determinado (há somente um dado para cada fator) não são contextos propícios ao gerúndio, que, por ser forma de aspecto imperfectivo –

situação, conforme Comrie (1981), vista em sua constituição interna – seria menos determinada temporalmente (usada para codificar situações indeterminadas) e referencialmente (usada quando não há pronomes).

Considerações finais

Das quatro formas sob análise, é o imperativo a de maior força manipulativa de comando, ficando as demais enfraquecidas, seja pelo aumento da extensão do enunciado de comando, no caso da perífrase e de *é para* + infinitivo, seja pelo uso de formas nominais, o infinitivo e o gerúndio. Convém, no entanto, retomar os resultados da pesquisa visando à comprovação dessa divisão de forças; nessa retomada, consideramos apenas os resultados advindos dos pesos relativos, já que os fatores que possuem peso foram os considerados estatisticamente motivadores de uma ou outra forma.

Para Givón (1993), a menção explícita do manipulado enfraquece a força do comando, razão por que o imperativo é motivado por uso de vocativo e a perífrase pelo uso de pronome, conforme atestamos nas **Tabelas 2 e 5**. O aumento da extensão pelo uso de marcas de polidez, também é dispositivo enfraquecedor: nos nossos dados, marcas de polidez motivam infinitivo e gerúndio (conforme **Tabelas 8 e 11**), formas já enfraquecidas pela generalização e imperfectividade, ficariam, portanto, na base da escala de força manipulativa. Já o imperativo é condicionado pela ausência de polidez (conforme **Tabela 3**), garantindo seu lugar no topo da escala de força. Se os atos de comando são direcionados ao futuro, são irrealis, o que por si só seria dispositivo enfraquecedor da força manipulativa, mas o distanciamento futuro pode complementar a análise: quanto mais próximo, menos irrealis. O grupo de fatores que visou a essa verificação não foi selecionado em nenhuma das rodadas, por isso apenas tendências foram indicadas no decorrer do texto.

Considerando-se a *distribuição de frequência*, verificamos que o gerúndio e o infinitivo como atos de comando são ainda restritos, com, respectivamente, 10 e 25 ocorrências. A perífrase, por outro lado, ocorreu 113 vezes, mas é o imperativo a forma mais recorrente com 262 ocorrências. Embora o imperativo seja a forma mais incisiva do comando, é, ainda, a mais frequente, talvez por ser a menos marcada estruturalmente e por ocorrer em sala de aula.

Nossos resultados mostram que as variantes em pauta têm força manipulativa diferente, sendo o imperativo a forma que detém maior força manipulativa de comando. As demais, seja pela extensão da forma, seja por dispositivos enfraquecedores (menção do manipulado, marca de polidez e marca de futuridade), têm força manipulativa atenuada. Se há forças diferentes em jogo, poder-se-ia questionar o estatuto da variável. As formas em pauta ainda são variantes? Partindo do pressuposto laboviano apresentado no início do artigo, dizemos que sim, já que o valor referencial é o mesmo, o de comando; difere a motivação, justamente o que nos faz ora usar uma forma, ora usar outra forma para expressar comando.

Referências

ALI, Manuel Said. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1964.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1983.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BYBEE, Joan; PERKINS, Revere; PAGLIUCA, William. Mood and modality. In: *The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

CARDOSO, Daisy Bárbara B. *Variação no uso do modo imperativo: análise de dados em textos de José J. Veiga*. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, 2004.

CUNHA, Cunha; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GIVÓN, Talmy. Non-declaratives speech acts. In: _____. *English Grammar: a Functional Based Introduction*. Vol. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993. p. 239-283. <<https://doi.org/10.1075/z.engram1>>

_____. Markedness as meta-iconicity. In: _____. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995. p. 54-59.

_____. Modal Prototypes of Truth and Action. In: _____. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995. p. 112-170.

GOLDVARB 2001. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.htm>>. Acesso em 09 de nov. de 2009.

GUY, Gregory; ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa*. São Paulo: Parábola, 2007.

JESUS, Étel Teixeira de. *O Nordeste na mídia e os estereótipos linguísticos: estudo do imperativo na novela Senhora do Destino*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Brasília, 2006.

LABOV, William. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *Sociolinguistic Working Paper*, 44. Texas, 1978.

_____. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LUFT, Celso Pedro. *Gramática Resumida*. Porto Alegre: Globo, 1976.

LYONS, John. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MENDONÇA, Jeane Maria Alves. de. *A expressão de obrigação em Fortaleza/Ce: ter, dever e precisar em variação*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, 2010.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 15-25.

PALMER, Frank R. *Mood and modality*. London: Cambridge University Press, 1986.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática Histórica*. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia, 1924.

REIS, Mariléia Silva. S. 2003. *Atos de fala não-declarativos de comando na expressão do imperativo: a dimensão estilística da variação sob um olhar funcionalista*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

ROST, Cláudia Andrea. *OLHA E VEJA: multifuncionalidade e variação*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

SCHERRE, Maria Marta Pereira et al. Phonic parallelism: evidence from the imperative form in Brazilian Portuguese. *Papers in sociolinguistics*. Newave-26. Quebec, Canadá: Éditions Nota bene, 1998.

_____. Restrições sintáticas e fonológicas na expressão variável do imperativo no português do Brasil. *ABRALIN*, Florianópolis, 2000.

_____. O imperativo gramatical no português brasileiro: reflexo de mudança Linguística na escrita de revistas em quadrinhos. ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, XX., 2004, Lisboa. *Actas do ...* Lisboa: APL, 2004. p. 699-771.

_____. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação Linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola, 2005.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

Recebido em 11/05/2016.

Aceito em 06/02/2017.